

A PERSPECTIVA PRÁTICA DA PEDAGOGIA KANTIANA

Renata Cristina Lopes Andrade¹

RESUMO

Pretendemos analisar a investigação e a exposição da função da perspectiva prática no interior da Doutrina da Educação ou Pedagogia de Immanuel Kant. Nossas análises ocorrerão, em particular, a partir de um exame cauteloso das preleções *Sobre a pedagogia*. Nesse sentido, questionamos: o que é e qual o papel da educação prática na pedagogia kantiana? Como a formação prática contribui para o objetivo essencial da educação, conforme pensada por Kant, a saber: o alcance da Humanidade. Eis aqui a ocasião, ademais, de análise, de avaliação, de reflexão e de reflexos, de pensamento, de orientação e de promoção, baseados na compreensão dos fundamentos da educação, para outros e diferentes olhares e posturas acerca da educação.

Palavras-chave: Kant; Pedagogia; Educação; Educação Prática.

PRACTICAL PERSPECTIVE OF KANTIANA PEDAGOGY

ABSTRACT

We intend to research and expose the function of the practical perspective within the Doctrine of Education or Pedagogy of Immanuel Kant. Our analyzes will take place, in particular, from a careful examination of the *Lectures on pedagogy*. In this sense, we put: what is and what is the role of practical education in Kantian pedagogy? As practical training contributes to the essential goal of education, as Kant thought, namely: the attainment of Humanity. This is the occasion, besides, of analysis, evaluation, reflection and reflection, thinking, guidance and promotion, based on the understanding of the foundations of education, for other and different views and postures about education.

Keywords: Kant; Pedagogy; Education; Practical Education.

A PEDAGOGIA KANTIANA

¹ Doutora em Educação/Filosofia da Educação (UNESP – Campus Marília). Mestre em Filosofia/História da Filosofia Moderna (UFRGS). Licenciada em Filosofia (UNESP – Campus Marília). Atualmente é pesquisadora dos Grupos de Pesquisa: Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Ética e Sociedade (UNESP – Campus Assis); Desenvolvimento Sociomoral de Crianças e Adolescentes (UNESP – Campus São José do Rio Preto) e Formação de Professores e Práticas Educativas (UFJATAÍ). E-mail: renatacrlopes@yahoo.com.br

Nas preleções *Sobre a pedagogia* deparamos-nos, de modo profundo, com o desenvolvimento de uma Pedagogia, Doutrina da Educação ou da Arte de Educar. Há, na presente obra a intenção de apresentar uma *boa educação*, ou seja: “ver de modo claro o quê propriamente pertence a uma boa educação” (KANT, 1999a, p. 16). O que se justifica facilmente, afinal, de acordo com Kant, a natureza humana pode ser sempre melhor desenvolvida e aprimorada mediante a educação, é a oportunidade de oferecer ao ser humano o que de fato convém à sua humanidade. Na Educação, segundo o filósofo, está o segredo da perfeição da natureza humana, bem como, a boa educação “abre a perspectiva para uma futura felicidade da espécie humana” (KANT, 1999a, p. 17).

Ora, se tudo o que realmente pertence à Humanidade, se a formação ou desenvolvimento pleno do ser humano, a sua perfeição e futura felicidade, dependem, também, de uma boa educação, e mister se faz pensar sobre a Educação e desenvolver um projeto de uma teoria da educação. Nas palavras do filósofo:

O projeto de uma teoria da educação é um ideal muito nobre e não faz mal que não possamos realizá-lo. Não podemos considerar uma Idéia como quimérica e como um belo sonho só porque se interpõem obstáculos à sua realização. Uma Idéia não é outra coisa senão o conceito de uma perfeição que ainda não se encontra na experiência [...] Se, por exemplo, todo mundo mentisse, o dizer a verdade seria por isso mesmo uma quimera? (KANT, 1999a, p. 17).

Eis a proposta de Kant com a sua pedagogia, isto é, oferecer um projeto sistemático de uma teoria da Educação, uma ideia ou conceito de educação, que possibilite desenvolver no ser humano, o que de fato convém à sua natureza, para que o ser humano possa atingir o seu fim, a sua destinação: a sua *Humanidade*. Importa dizer que Kant caracteriza a Humanidade, própria de todo o ser humano, por: habilidades, qualidades, capacidades, civilidade e moralidade/liberdade.

Segundo Kant:

Há muitos germes na humanidade e toca a nós desenvolver em proporção adequada as disposições naturais e desenvolver a humanidade a partir dos seus germes e fazer com que o homem atinja a sua destinação (KANT, 1999a, p. 18).

Desse modo, mesmo que haja obstáculos na realização do seu projeto educacional, Kant (1999, p.18), sustenta que não é em vão oferecer um ideal de educação, para que o ser

humano o persiga em seu aperfeiçoamento, para a sua futura felicidade e a perfeição. Conforme explica Santos (2004), a educação kantiana, mesmo dizendo respeito a um projeto, de uma teoria ou conceito, não se trata de uma utopia, antes,

Trata-se do conceito de uma perfeição que ainda não se encontrou na experiência, o qual servirá como arquétipo para a ação ou, ainda, conforme outra definição kantiana, como *focus imaginarius*. Por meio da idéia de educação, a Pedagogia pode regular-se na experiência, o que permite que ela não seja reduzida a puro empirismo (SANTOS, 2004, p, 54).

No que diz respeito ao seu projeto de educação, Kant (1999a, p. 21) especifica que toda a arte da Educação, do mesmo modo o seu progresso, é: ou i) mecânica, ordenada sem plano e conforme as circunstâncias, ou ii) raciocinada, pensada, refletida, planejada. A posição do filósofo é de que toda educação meramente mecânica contém muito erros e lacunas, por não obedecer a plano algum, a educação deve ser raciocinada, do contrário nada se pode esperar da educação. Acerca da boa educação, “é preciso colocar a ciência no lugar do mecanicismo” (KANT, 1999a, p. 22), de outro modo, a educação jamais se tornará um esforço coerente e “uma geração poderia destruir tudo o que uma outra anterior tivesse edificado” (idem).

Para Kant, toda a doutrina deve ser metódica, sistemática e raciocinada, pois de outro modo, caso fragmentada ou mecânica, o ensino seria meramente tumultuário e não seria capaz de atingir qualquer fim.

Há, no pensamento de Kant, preocupações de ordem pedagógica consequentes, preocupações que contemplamos somente no quadro ou totalidade de sua filosofia, no entanto, Kant é um filósofo que se preocupou, refletiu, analisou e escreveu a respeito da educação, mesmo que de modo fragmentado em alguns momentos de determinadas obras ou em Preleções (*Vorlesungen*).

Além da obra específica sobre o tema, as preleções *Sobre a Pedagogia*, a educação é tema recorrente em vários outros momentos dos títulos de Kant, exemplificando: nas três *Críticas*, consideradas o núcleo do pensamento kantiano, em especial na *Doutrina do Método* de cada uma das *Críticas* o tema da educação é claramente abordado, também na *Metafísica dos Costumes*, particularmente, em sua segunda parte “*Princípios metafísicos da*

doutrina da virtude”, na *Antropologia de um ponto de vista pragmático*². Kant é um filósofo que se preocupou e escreveu sobre a educação, desenvolvendo uma filosofia da Educação. Se as filosofias da Educação discutem, ademais, uma concepção da natureza humana, nesse ponto, em todos esses momentos/obras que citamos, deparamos-nos com a pedagogia de Kant.

A doutrina da educação kantiana ocupa um lugar singular em seu pensamento, empenhando-se com a oportunidade da efetivação do princípio moral, especificamente para o caso da natureza humana, o que revela a preocupação com a plena formação do ser humano.

As preleções *Sobre a Pedagogia*, momento em que a pedagogia de Kant é sistematizada, apresenta-se dividida em três partes: i) *Introdução*, ii) *Educação Física* e iii) *Educação Prática*³.

Tendo em vista a divisão da obra, junto de alguns apontamentos iniciais, realizados em sua introdução, podemos dizer que a pedagogia, conforme concebida por Kant, é entendida sob duas perspectivas fundamentais, a saber, *física e prática* – “A pedagogia, ou doutrina da educação, se divide em *física e prática*” (KANT, 1999a, p. 34) – e por quatro momentos fundamentais – *cuidado, disciplina, instrução e direcionamento*. A partir de suas perspectivas e de seus respectivos momentos, a educação, poderá desenvolver, pouco a pouco, os germens que residem na natureza humana.

Considerando-se a preocupação central do presente artigo, ou seja, a análise e a exposição do papel da perspectiva prática no interior da Doutrina da Educação ou Pedagogia de Kant, nos debruçamos, neste momento, na investigação e apresentação da educação prática. O que é e qual o papel da educação prática na pedagogia kantiana, qual o papel da

² Pensamos não ser possível separar a reflexão kantiana acerca da educação do conjunto do seu sistema. Essa posição é assinalada por Crampe-Casnabet e Louden, respectivamente: “É impossível separar a reflexão kantiana sobre a pedagogia do conjunto do seu sistema. A teoria do conhecimento, a ética, a política, a filosofia da história fundamentam organicamente o discurso pedagógico” (CRAMPE-CASNABET, 1990, p. 229) e “[...] as ligações inter-textuais deverão ser devidamente exploradas na interpretação da filosofia kantiana da educação (LOUDEN, 2000, p. 35).

³ “Os professores de Filosofia da Universidade de Königsberg deviam regularmente ministrar curso de pedagogia aos estudantes, revezando-se. M. Crampe-Casnabet refere que as Lições de Pedagogia foram ministradas por Kant em 1776/77, 1783/84 e 1786/87.” (*Sobre a Pedagogia – Prefácio*). Os professores de filosofia das Universidades alemãs ocupavam-se também de cursos de Pedagogia, o que se justifica, afinal, muitos dos filósofos da época tiveram por objeto de reflexão e indagações sobre a Educação. *Sobre a pedagogia* foi publicada por Rink, mediante autorização de Kant, em 1803, um ano antes da morte de Kant.

educação prática para o alcance do objetivo essencial da educação, conforme pensada por Kant: o alcance da Humanidade.

A PERSPECTIVA PRÁTICA DA PEDAGOGIA DE KANT

A formação ou educação prática – “chama-se prático tudo o que se refere à liberdade” (KANT, 1999a, p. 29) – é, segundo Kant, a parte da educação que diz respeito à construção do ser humano para que ele possa viver e ser *moral e livre*⁴.

De acordo com Kant (1999a, p. 35), a educação prática tem em vista o caráter, a pessoa, a moralidade, a liberdade, a virtude, a formação de um ser humano que é capaz de querer seguir, agir e viver segundo valores e princípios morais, o que representa o máximo do valor da natureza humana, o valor intrínseco, absoluto, essencial, de todo ser humano – “[...] a formação moral lhe dá um valor que diz respeito à inteira espécie humana” (idem). Bem como, tem em vista o desenvolvimento da razão, a *faculdade dos princípios* – os princípios do *conhecimento* e os princípios *práticos* – e a realização do próprio fim ou destinação da natureza humana, isto é, da condição humana ao ideal da humanidade – hábil, prudente e moral/livre.

Em suma: a educação prática, o segundo momento da pedagogia kantiana, após a educação física, irá cuidar do desenvolvimento e formação moral do educando, o desenvolvimento e estabelecimento, alcance e realização dos princípios morais: o saber fazer de modo a fazer com valor moral.

Louden (2000, p. 38) aponta que, de acordo com Kant, o ser humano, devido à sua natureza sensível e racional, necessita da formação, dentre outras, moral, sendo a formação moral, para o ser *homo sapiens* humano, o resultado pretendido ao longo do extenso processo educacional. Assim, segundo Louden, a moralidade em Kant, no que diz respeito à natureza humana, pressupõe a educação – “a moralidade não é um simples produto da educação, mas pressupõe a educação enquanto uma pré-condição necessária” (idem). Nesse sentido, a moralidade e, em consequência, as ações éticas, podem não depender somente

⁴ Há em Kant a compatibilidade entre moralidade e liberdade. Segundo a teoria moral de Kant, o ser humano, ao elevar a sua razão até os conceitos de dever e lei, é, deste modo, livre.

da educação, mas, sem ela não ocorrem. A Educação, para o caso da formação moral da natureza humana e conforme pensada por Kant, pode não ser suficiente, mas é necessária.

A segunda perspectiva da pedagogia em Kant caracteriza-se enquanto educação prática e diz respeito à disciplina, instrução e direcionamento do sujeito. Cumpre reforçar-se, para que ele desenvolva a sua humanidade e possa viver enquanto um agente moral e livre. Conforme explica La Taille:

Uma educação que não disciplina fracassa em arrancar o homem de seu estado inicial de selvageria; uma educação que não instrui apenas adestra e fracassa em ensinar o homem a pensar, tornar-se cidadão e [...] fracassa em tornar a criança em ser moral (LA TAILLE, 1996, p.141).

A educação prática é subdivida por Kant em *negativa* e *positiva*, a parte negativa refere-se à disciplina; a parte positiva, à instrução e direcionamento, os momentos de desenvolvimento e formação do educando.

Devemos observar que a subdivisão da educação prática em negativa (disciplina) e positiva (formação) é uma distinção que ocorre em outros momentos dos escritos de Kant, o que nos auxilia, ademais, na recusa das desconfianças no que diz respeito à origem das preleções *Sobre a Pedagogia* – autêntico/não autêntico, kantiano/não kantiano. Por exemplo, na *Crítica da razão pura*, Kant (1983, p. 350) afirma que:

[...] a compulsão pela qual a tendência constante para desobedecer a certas *regras* é reprimida e finalmente extirpada é chamada de *disciplina*. [...]. Para a formação (*Bildung*) é o desenvolvimento de um talento, o qual já possui em si próprio a tendência para se manifestar, a disciplina oferecerá, portanto, uma contribuição negativa: a formação e a doutrina (*Doktrin*) uma contribuição positiva.

Começamos pela parte negativa da educação prática – a *disciplina* – o segundo momento da educação, o primeiro momento da educação prática. Diz Kant: “A disciplina transforma a animalidade em humanidade [...] é puramente negativa, porque é o tratamento através do qual se tira do homem a sua selvageria” (KANT, 1999a, p. 12).

Se, de acordo com Kant, a disciplina é o que transforma a animalidade em humanidade, o que possibilita a transição da animalidade à humanidade, quais são as razões de Kant para sustentar essa necessidade? Ou seja, quais as razões de Kant para sustentar a

necessidade de transformar a animalidade, selvageria ou estado bruto do ser humano, em Humanidade. Vejamos.

O autor de ‘crítica da razão pura’ Kant (1999a, p. 13) chama de selvageria, estado bruto, brutalidade, puro instinto ou animalidade, a independência de toda e qualquer lei, a disciplina, por sua vez, é o início do processo de submissão da natureza humana às *leis da humanidade*. As leis da humanidade, não perdendo de vista o conjunto do pensamento moral de Kant, nada mais são senão as leis morais, isto é, uma legislação que o ser racional, mediante a faculdade prática da sua razão, é capaz de oferecer a si próprio.

Com a disciplina há o início do processo para que a criança, quando atingir a idade juvenil e adulta, seja capaz de dar a si mesma, e seguir, o princípio da sua ação. Noutras palavras, para que a criança, ao atingir a idade juvenil e adulta, possa manifestar e fazer uso da faculdade prática da sua razão, ou seja, darem-se as leis que guiarão as suas ações. Para tanto, o primeiro passo toca à disciplina, não à formação.

Santos (2007, p. 5) explica que a disciplina, no interior da educação prática kantiana, desempenha uma função preventiva, isto é, deve impedir que a selvageria/animalidade assuma o comando das ações dos seres humanos, impedir que a natureza humana, futuramente, seja determinada e movida em sua vida – condutas, costumes, ações – pelos impulsos ou inclinações. Nesse sentido, a disciplina é o que impede o ser humano desde cedo se tornar refém dos instintos mais primitivos, de todo e qualquer impulso ou inclinação derivados da porção sensível da natureza humana, de acordo com Santos, eis “o que Kant denomina como domar a selvageria” (idem).

Devemos observar que negar ou domar a selvageria, transformar a animalidade em humanidade, não significa destruir ou erradicar com todo e qualquer instinto, não significa ter que abolir ou suprimir com toda e qualquer inclinações, desejos, paixões, apetites ou sensação, disciplinar, segundo Kant (1999a, p. 13) significa, especificamente, procurar evitar que a animalidade cause danos à humanidade, significa evitar que a selvageria, o estado de ausência de toda e qualquer lei, cause prejuízos ao processo de desenvolvimento da humanidade. Kant (1999a, p. 50) explica que, no que diz respeito à disciplina, é preciso atentar-se para que no disciplinar não se trate a criança como escrava, mas, antes, que a faça sentir a sua liberdade, manifestada mediante a capacidade prática de sua razão.

Acerca das inclinações, sentimentos, paixões, Ele (1999a, p. 106), aponta que “convém também orientar o jovem para a alegria e o bom humor” e, neste sentido, é reforçada a posição de Kant da não necessidade de erradicar toda e qualquer inclinação ou sentimento. Contudo importa lembrar que os sentimentos, as paixões, as inclinações são, em geral, segundo Kant, contingentes e, para o filósofo, tendo em vista a vida e vivências humanas, não se deve deixá-la à sorte de qualquer contingência.

O instinto, o impulso, a inclinação, podem até apresentar uma tendência ao bem, ao correto moral (que é distinto do valor moral), à benevolência, mas são cegas e servis, podendo causar muitas vezes danos ao ser humano e à sua humanidade (KANT, 2003a, p. 419). Quando investigada as razões do agir, na ação por instinto, impulso ou inclinação, há a completa ausência de um princípio, a única ação, por princípios, segundo Kant, com genuíno valor: o valor moral.

Vale dizer que a posição de Kant é, na ausência do princípio, os costumes estariam facilmente sujeitos às perversões, corrupções e desvios. O ser humano poderia deixar-se seduzir ou desviar muito facilmente da sua obrigação moral, ou seja, daquilo que deve necessariamente acontecer, o que devemos fazer do ponto de vista da moralidade. A ação por inclinação, impulso, paixão, ora pode mover e determinar o ser humano em sua ação, ora não, e se não move, deixa-se de fazer o que do ponto de vista moral é *necessário*.

Assim, na ausência de leis⁵, a ação por desejos face às minhas sensações, isto é, a ação por inclinação, além de não poder conferir o autêntico valor moral à ação do ser humano, pode, em muitos casos, prejudicar a natureza humana no processo do desenvolvimento de sua humanidade, ademais, no processo do desenvolvimento do agente *moral e livre*.

Observe-se, ao tratar-se do fundamento moral, na *Fundamentação da metafísica dos costumes* e na *Crítica da razão prática*, que Kant indica que uma inclinação não é uma base segura, no sentido da motivação (motivo) quando há a preocupação com o valor moral da ação; afinal, se há a preocupação moral, devem-se agir segundo (por) princípios. Com a educação, nas preleções *Sobre a pedagogia*, Kant aponta que a inclinação, além de não poder ser o motivo a ação moral, pode causar, por vezes, danos à própria Humanidade. Há,

⁵ Vale ressaltar que não se trata de leis sociais, religiosas ou de tradições, mas antes de leis da própria *humanidade* intrínsecas a todo ser humano, possíveis mediante a faculdade prática da sua razão.

então, a necessidade da disciplina, para que o que inclina não prejudique o próprio ser humano, impedindo-o, por exemplo, de alcançar a sua humanidade, ou, ainda, cause danos a si e ao projeto da sua conduta moral. Eis a necessidade de negar a animalidade iniciando, desse modo, o projeto de sua conduta.

A disciplina irá conter o ser humano para que ele não siga, imediata e cegamente, a cada um de seus caprichos, instintos, impulsos ou inclinações, a disciplina é fundamental para que a criança possa, no futuro, agir segundo um projeto ou ideal de conduta, possa seguir as leis da sua própria humanidade, possa agir segundo princípios e realizar o seu dever – tudo aquilo que deve necessariamente acontecer do ponto de vista da moralidade.

Não há indícios, na filosofia moral kantiana, pura ou empírica, de que Kant afirme a necessidade de erradicar com toda e qualquer inclinação; ao invés disso, há a afirmação de que a inclinação, por não ser uma base segura da ação moral e por poder, em alguns casos, causar danos à humanidade, não deve ser, caso haja a preocupação moral, o motivo da ação, e, desse modo, deve ser cuidada pela educação, com a devida atenção no processo da formação da natureza humana. Avistamos aqui que a disciplina é inevitável no momento inicial da educação prática da pedagogia kantiana, para o tratamento, ou atenção adequada, às inclinações – instintos, impulsos, paixões, tendências – a porção sensível da natureza humana.

Notamos que a disciplina desempenha um papel importante no projeto da educação prática kantiana⁶, pois ao negar a animalidade impede que a natureza humana se desvie do seu fim ou destino, ou seja: sua própria humanidade – habilidades, prudência, moralidade e liberdade. Igualmente, é o que impede o ser humano de se lançar aos perigos como um animal irracional ou como um estúpido. A disciplina, na visão de Kant, apresenta-se enquanto o primeiro e decisivo passo na transição da animalidade à humanidade, o que significa dizer não a animalidade, preparando, desse modo, o ser humano à formação, a parte positiva da educação prática.

⁶ Segundo Kant: “A falta de disciplina é um mal pior que a falta de cultura, pois esta pode ser remediada mais tarde, ao passo de que não se pode abolir o estado selvagem e corrigir um defeito de disciplina” (KANT, 1999a, p.16).

Nas palavras do filósofo germânico Kant: “Disciplinar quer dizer: procurar impedir que a animalidade prejudique o caráter humano [...] Portanto, consiste em domar a selvageria” (KANT, 1999a, p. 25). A disciplina por sua específica função de negar a selvageria de modo que ela não causa danos à humanidade, em particular, ao caráter humano, prepara o caminho para a parte positiva da educação prática, o momento específico de formação. Segundo Oliveira (2006, p. 74), com a disciplina em Kant há a constituição geral da Humanidade para além da animalidade da raça humana.

Queremos apontar que a ideia de transição da selvageria para a Humanidade, já havia sido oferecida por Kant em algumas obras anteriores à *Sobre a pedagogia* (1803), como é o caso da obra intitulada *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita* (1784): “[...] um curso regular para conduzir a nossa espécie aos poucos de um grau inferior de animalidade até o grau supremo de humanidade [...]” (KANT, 1996, p. 18). Ou ainda, na obra *Início conjectural da história humana* (1786): “A partir dessa apresentação da primeira história da humanidade resulta o seguinte: a saída do homem da sua primeira morada, representada por meio da razão como o paraíso, foi a passagem da rudeza de uma criatura meramente animal para a humanidade, foi a passagem, das andadeiras do instinto para a condução da razão, em outras palavras, foi a passagem do estado de tutela da natureza para o estado de liberdade” (KANT, 2010, p. 161)⁷.

No entanto, a disciplina apresenta-se somente enquanto o primeiro passo da educação prática de Kant, afinal, como explica o filósofo (KANT, 1999a, p. 75), a moralidade funda-se em máximas morais e não sob a disciplina – *a disciplina impede os defeitos, a máxima forma o modo de pensar*.

Portanto, pensando no alcance da Humanidade a disciplina não basta pois, a educação prática não se resume à disciplina, a qual doma a animalidade, mas é capaz apenas de gerar um hábito, que pode desaparecer com os anos. Segundo Kant (1999a, p. 48): “O hábito é um prazer ou uma ação convertida em necessidade pela repetição contínua desse prazer ou dessa ação” ou “Um hábito é o estabelecimento de uma inclinação persistente sem nenhuma máxima” (KANT, 2004b, p. 130).

⁷ Eis, ademais, a relação de complementariedade da *Sobre a pedagogia* com as demais obras kantianas.

É preciso continuar o processo educacional e “proceder de tal modo que a criança se acostume a agir segundo *máximas*” (KANT, 1999a, p. 75)⁸. Desse modo, é evidenciada a indispensabilidade da disciplina, contudo, a educação prática, segundo a concepção kantiana, exige, no momento seguinte, o olhar para a *máxima da ação* – “a educação prática não pode permanecer baseada unicamente sobre a disciplina, mas deve assentar sobre *máximas*” (SANTOS, 2011, p. 211).

A máxima da ação é o princípio ou fundamento subjetivo do querer, isto é, as razões (intenção ou o porquê) que o sujeito da ação tem ou se dá para agir. A subjetividade, a marca característica de toda máxima da ação, pode ser compreendida de dois modos: a) por estar diretamente ligada a um fim querido pelo agente e determinar a sua ação em função desse fim. A máxima é aqui entendida subjetiva por determinar apenas o querer de *um* agente específico, ou seja: somente aquele sujeito que deseja o fim estará submetido à regra derivada da máxima da ação; e/ou, b) uma máxima é subjetiva, quando *adotada* por um agente, isto significa que se trata de uma máxima que o agente adota (toma) para si, desse modo, o querer ou o agir de *um* agente será determinado em função dessa adoção.

As leis fundamentais da razão prática (as leis da humanidade) por sua vez, apresentam-se para que o princípio subjetivo do querer, isto é, a máxima da ação – válida para *um* agente – possa valer ao mesmo tempo enquanto princípio objetivo do querer, ou seja, leis ou máximas universais, válidas para todos sem exceção. De acordo com Kant: “A lei, considerada em nós, se chama consciência. A consciência é de fato a referência das nossas ações a essa lei” (KANT, 1999a, p. 99).

Para o caso da natureza humana e, considerando-se a perspectiva prática da pedagogia de Kant, em primeiro lugar essas máximas são as da escola, depois, as da Humanidade, isto é, da própria Humanidade presente em todo ser humano, a autodeterminação, portanto, “no primeiro período, o constrangimento é mecânico; no segundo, é moral” (KANT, 1999a, p. 30).

Retomando com a subdivisão da educação prática em negativa (disciplina) e positiva (formação), vejamos agora o que envolve a parte positiva do sentido prático da pedagogia kantiana.

⁸ *Grifos acrescentados.*

Com a parte positiva da educação prática, constatamos, fundamentalmente, no contexto da *Sobre a pedagogia*, os momentos de instrução e direcionamento, que se refere à Educação⁹:

i) *Mecânico-escolástica*: diz respeito ao desenvolvimento das habilidades, qualidades e capacidades dos seres humanos, por exemplo, ler e escrever, realizar uma arte, tocar algum instrumento, formando um ser humano hábil. A educação mecânico-escolástica envolve o aprimoramento da faculdade de conhecer, proporcionando um conteúdo cognitivo. Nas palavras de Kant:

A cultura abrange a instrução e vários conhecimentos. A cultura é a criação da habilidade e esta é a posse de uma capacidade condizente com todos os *fins* que almejamos [...] Algumas formas de habilidade são úteis em todos os casos, por exemplo, o ler e o escrever; outras só são boas em relação a certos *fins* [...]. A habilidade é de certo modo infinita, graças aos muitos *fins* (KANT, 1999a, p. 25-26)¹⁰.

ii) *Pragmática*: refere-se à prudência que, segundo Kant, apresenta-se como uma espécie de cultura denominada de civilidade. Oliveira (2004, p. 456) esclarece que a pessoa prudente e, portanto, segundo a concepção kantiana, civilizada, possui certos refinamentos que a pessoa meramente hábil não possui. Na visão de Santos (2011, p. 211), “a civilização visa formar o cidadão para que ele tome parte ativa na vida da sociedade em que está inserido”. No que diz respeito à civilidade, ou seja: a formação pragmática, Kant aponta que as Belas Artes e as Ciências podem ser bastante eficazes para esse desenvolvimento. De acordo com o filósofo:

[...] por um prazer universalmente comunicável e pelas boas maneiras e refinamento na sociedade, ainda que não façam o homem moralmente melhor, tornam-no porém civilizados, sobrepõem-se em muito à tirania da dependência dos sentidos e preparam-no assim para um domínio, no qual só a razão deve mandar (KANT, 1993, p. 274).

⁹ Observamos que, nas preleções *Sobre a pedagogia* a parte positiva da educação prática, o momento de desenvolvimento e formação, são também apresentados por Kant por uma variedade de processos mais específicos chamados de, por exemplo, instrução, ensino, direcionamento ou orientação.

¹⁰ *Grifos acrescentados.*

iii) *Moral*: a formação moral refere-se à ética e ao intrínseco valor das ações humanas – a saber, o valor moral. “Por último vem a formação moral, enquanto é fundada sobre princípios que o homem deve reconhecer” (KANT, 1999a, p. 35-36). Com o desígnio de formar moralmente a educação deve:

[...] cuidar da moralidade. Na verdade, não basta que o homem seja capaz de toda sorte de *fins*; convém também que ele consiga a disposição de *escolher* apenas os *bons fins*. Bons são aqueles fins aprovados necessariamente por todos e que podem ser, ao mesmo tempo, os fins de cada um (idem, p. 26)¹¹.

Segundo Delbos (1969, p. 591), a parte positiva da educação prática tem propriamente o objetivo de desenvolver as habilidades, a prudência e, por fim, a moralidade; desse modo, a Educação, no sentido de formação e desenvolvimento, será plena, ou seja: enxergará a natureza humana em sua totalidade.

A perceptiva prática da pedagogia kantiana, com os seus momentos de disciplina, instrução e direcionamento, representa nele próprio, a possibilidade da plena formação e desenvolvimento, via educação, do ser humano conforme posto o desenvolvimento da humanidade, a qual pertence a todo ser humano. Nas preleções *Sobre a pedagogia*, Kant expõe de modo sistemático a sua pedagogia e a função da educação na formação plena da natureza humana.

Cabe ressaltar que o pensamento filosófico de Kant, acerca da Educação, isto é, a sua pedagogia, tanto nas demais obras, de modo fragmentado, como de forma sistematizada na *Sobre a pedagogia*, representa um processo de formação para os seres humanos, isto é, representa uma ideia de educação. Mesmo que não se realize ou ainda que haja obstáculos e dificuldades em sua realização, tem-se um ideal que a Humanidade, segundo o filósofo, pode perseguir para o seu aperfeiçoamento, futura felicidade e perfeição moral, um ideal que o ser humano pode e deve, constantemente, se aproximar, em um progresso ininterrupto.

Nas palavras de Kant (1999a, p. 17-18): “Podemos trabalhar num esboço de uma educação mais conveniente e deixar indicações aos pósteros, os quais poderão pô-las em

¹¹ *Grifos acrescentados.*

prática pouco a pouco”. Portanto, filosofia da educação ou pedagogia de Kant, oferece uma orientação e possível promoção da prática educacional, um exercício para a vida humana, o qual permite, ademais, a ampliação do alcance da filosofia.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Nossa análise, de caráter teórico-filosófico, nos permite considerar, apreender e compreender alguns elementos e apontamentos da pedagogia kantiana, em particular, acerca do papel da educação prática, enquanto a segunda etapa da formação do educando, etapa importante quando se leva em consideração o todo da doutrina da educação kantiana, ou seja: o objetivo da educação, conforme concebida por Kant: o alcance da Humanidade.

Ao trazer a Pedagogia de Kant, em particular, a análise da sua função prática, importa lembrar: “chama-se prático tudo o que se refere à liberdade” (KANT, 1999a, p. 29). Considere-se a compatibilidade entre moralidade e liberdade no pensamento kantiano, bem como a parte da educação que diz respeito à construção do ser humano para que ele possa viver e ser moral e livre; buscamos, ademais, refletir e ajuizar sobre a formação educacional, o desenvolvimento do ser humano via educação e sobre o que a filosofia tem a dizer sobre a educação, reconhecendo o conteúdo do pensamento filosófico acerca da educação, a saber, o valor de uma filosofia da educação, quer seja pelo seu valor intrínseco, quer seja pelo seu valor instrumental, o que exprime “dar-lhe condições de se realizar como práxis” (SEVERINO, 2001, p. 120). Levando-se em consideração a conexão inseparável entre a Educação e o Ser humano, afirmamos que o que oferece o pensamento, a orientação e a promoção da Educação, apresenta a sua importância tanto para os filósofos quanto para educadores.

Acerca da atualidade ou possibilidade do projeto educacional kantiano, importa apontar que a educação, conforme concebida por Kant, foi considerada por alguns pensadores críticos da Filosofia Moderna, por exemplo, Adorno, que, ao avaliar o texto kantiano acerca do Iluminismo, apontou, ademais, a atualidade do seu projeto educacional. De acordo com Adorno: “[...] determinou a emancipação de um modo inteiramente consequente, não como categoria estática, mas como uma categoria dinâmica, como *vir-a-ser* e não um ser” (ADORNO, 1995, p. 181). Temos presente uma avaliação de uma das

centrais preocupações filosóficas do pensamento e pedagogia, no sentido prático, kantiano, ou seja: a preocupação com todo o *dever-ser*.

Nesse sentido, buscar investigar e compreender a pedagogia de Kant significa deixar-se mover, também, por sua atualidade, o que pode ser expresso nas questões: de que modo o estudo teórico colabora com a Educação, hoje? Qual a contribuição da pedagogia kantiana para se pensar a Educação hoje: o pensamento pedagógico de Kant ainda é válido para a Pedagogia atual? Os problemas da Pedagogia kantiana ainda são as inquietações da Educação do presente? Os ideais do Moderno estão presentes hoje ou podemos pensar na realização de uma modernidade até então não realizada? Eis algumas das reflexões que, a partir da presente exposição, poderemos, olhando para a problemática educacional, considerar.

Definir os objetivos pedagógicos e educacionais a partir de um processo de análise, da clareza de conceitos, de princípios e de valores que possam orientar a ação educacional significa, em última instância, o exercício para a vida humana, o que representa o trabalho filosófico, ampliando o alcance da Filosofia.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

DELBOS, V. **La philosophie pratique de Kant**. Paris: PUF, 1969.

_____. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **Sobre a pedagogia**. Piracicaba: Unimep, 1999a.

_____. **Crítica do juízo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

_____. **Correspondence**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999b.

_____. **Crítica da Razão Prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2003a.

_____. **A Metafísica dos costumes**. Bauru: Edipro, 2003b.

_____. **Metafísica dos costumes**. Parte I: Princípios metafísicos da doutrina do direito. Lisboa: Ed. 70, 2004a.

_____. **Metafísica dos costumes**. Parte II: Princípios metafísicos da doutrina da virtude. Lisboa: Ed. 70, 2004b.

_____. **Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

LA TAILLE, Y. de. A educação moral: Kant e Piaget. In: MACEDO, L. (Org.). **Cinco estudos de educação moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 137-178, 1996.

LOUDEN, R. B. **Kant's Impure Ethics: From Rational Beings to Human Beings**. New York, Oxford: Oxford University Press, 2000.

MENEZES, E. Moral e vida civilizada: notas sobre a avaliação moderna de seus nexos. IN. KANT, I. **Começo conjectural da história humana**. São Paulo: Unesp, 2010.

OLIVEIRA, M. N. de. A educação na ética kantiana. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n.3, p. 447-460, set./dez. 2004.

_____. Para inspirar confiança: considerações sobre a formação moral em Kant. **Revista Transformação**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 69-77, 2006.

SANTOS, R. dos. Kant e a exigência de uma ciência da educação. **Educação em Revista**, n. 5, p. 49-62, 2004.

_____. Liberdade e coerção: a autonomia moral é ensinável? **Studia Kantiana – Revista da Sociedade Kant Brasileira**, n. 11, 2011.

_____. Educação moral e civilização cosmopolita: atualidade da filosofia prática de Kant.
Revista Iberoamericana de Educación, n. 41, p. 4-10, 2007.

SEVERINO, A. J. **Educação, sujeito e história**. São Paulo, Olho d'água, 2001.